

Macabéa

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI

José Soares Filho
URCA

 0000-0003-1531-1429

Edson Soares Martins
URCA

 0000-0001-8375-960X

“EU NÃO APRENDI COM NINGUÉM, EU APRENDI FOI SONHANDO”

NARRATIVAS DE MEMÓRIAS DE APRENDIZADO DE REZADEIRAS

“I DID’NT LEARN FROM ANYBODY, I DID LEARN DREAMING”

NARRATIVES OF LEARNING MEMORIES FROM REZADEIRAS

Como citar

SOARES FILHO, J.; MARTINS, E. S. “Eu não aprendi com ninguém, eu aprendi foi sonhando”: narrativas de memórias de aprendizado de rezadeiras. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 4, p. 38-54, out.-dez. 2024.



VOLUME 13, NÚMERO 4, OUT.-DEZ. 2024
ISSN 2316-1663
DOI: 10.47295/mren.v13i4.1844

RECEBIDO EM 04/08/2024
APROVADO EM 20/08/2024

Abstract: This article is derived from a section of my master's dissertation. In it, we explore the narratives surrounding the transmissibility of prayer knowledge, focusing on learning that occurs both in dreams and in waking states. We argue that, contrary to Quintana's (1999) assertion, which divides rezadeiras into those who learn through supernatural experience and those who follow a mentor, and given the plurality of learning narratives we encountered, there is no clear separation between these modes of learning. Firstly, we identify that learning through dreams, although initially appearing solely supernatural, involves a dialogic and enunciative relationship between the subject and the environment, as well as between states of wakefulness and sleep. Secondly, other testimonies reveal forms of communal or spiritual learning, where knowledge is orally transmitted by mentors or accessed as needed. These variations, therefore, challenge the traditional notion of learning.

KEYWORDS: Oral Poetic Forms. Rezadeiras. Narrative Memory of Learning.

Resumo: Este artigo é proveniente de um recorte da minha dissertação de mestrado. Nele, exploramos as narrativas sobre a transmissibilidade do conhecimento da reza, focando no aprendizado onírico e da vigília. Defendemos que, diferentemente do que afirma Quintana (1999), que divide as rezadeiras entre as que aprendem por experiência sobrenatural e as que seguem um mestre e dada a pluralidade das narrativas de aprendizado que encontramos, não há uma separação clara entre os modos de aprendizado. Primeiramente, identificamos que o aprendizado via sonhos, embora inicialmente pareça apenas sobrenatural, envolve uma relação dialógica e enunciativa entre sujeito e ambiente e estados de vigília e de sono. Em segundo lugar, outros testemunhos revelam formas de aprendizado comunitário ou espiritual, onde o conhecimento é transmitido oralmente por mestres ou acessado quando necessário. Essas variações, portanto, desafiam a noção tradicional de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Formas poéticas orais. Rezadeiras. Narrativa de memória de aprendizado.



Copyright (c) 2024 José Soares Filho e Edson Soares Martins

Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo¹ nos preocupamos em trabalhar as narrativas que tem como objeto central o conteúdo temático da transmissibilidade do conhecimento sobre a reza. Aqui, trataremos, portanto, do aprendizado onírico e daquele da vida de vigília, ambos produtos de uma mistura de vivência, observação, transmissão, experimentação e, às vezes, do que se sabe sem se ter aprendido. Um tipo de conhecimento emprestado, como veremos no decorrer deste estudo.

Quintana (1999, p. 53-54) reflete sobre o processo de aprendizagem das rezadeiras, dividindo-as em dois pólos/grupos: “[...] aquela que é resultado de uma experiência sobrenatural e a que é consequência de um processo imitativo em relação a um mestre”. Por seu caráter assistemático e plural de formas de aprendizagem, advogamos a ideia de que os conhecimentos por elas apreendidos durante a vida teriam uma consistência mais complexa.

Embora enxerguemos válido o esforço do autor em entender e explicar as práticas de reza observadas por ele, sabemos que essa tipologia não é essencialmente aplicada ao que temos aqui. Devido ao caráter polifônico e, por extensão, plural, das narrativas de aprendizado e de práticas da reza, nossas reflexões nos levam a ter outro tipo de posicionamento. Tendemos a crer que, no processo cognoscente de aprendizagem, não há uma separação definitiva entre esses dois pólos/grupos. Ao menos dentro do que temos observado. Isso evidencia-se por dois motivos, que exploraremos a seguir.

Motivo um: Em duas narrativas evocadas neste estudo se ordena, em torno, um discurso que afirma a existência de um modo de aprendizado que ocorre pela via do sonho. Isso faria com que elas fossem vistas, a princípio, como um fenômeno “sobrenatural”. Concordamos, todavia, que, além disso, esse é um fenômeno que presume de uma relação dialógica e enunciativa, mesmo que produzida na vida onírica. Isso tudo quando compreendemos, a partir de Bakhtin (2003, p. 394), que o conhecimento surge como um desdobramento de um ato complexo que é, pelo menos, bilateral; para sua existência se faz preciso uma relação conhecimento-penetração. Melhor dizendo: a relação entre o ativismo cognoscente (capacidade de conhecer, através da expressão) e o ativismo do cognoscível (a capacidade dialógica de exprimir o conhecimento/compreensão da expressão).

O conhecimento proveniente do conteúdo-sentido sonhado é volitizado em conteúdo-sentido na vigília. Nas duas narrativas que seguem na primeira seção, observaremos que, mesmo havendo uma explicação sobrenatural que se apoia em uma forma “sobrenatural” dentro do sonho, há também a figura de um ou vários mestres que, no espaço vasto do “mundo onírico”, encontram nossas rezadeiras para ensiná-lhes as rezas para curar os vários males que se tem na terra.

¹ Este artigo faz parte de um estudo maior, tornando-se produto da pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Letras do PPGL - URCA (2022-2024), cujo título é “EU NÃO APRENDI COM NINGUÉM, EU APRENDI FOI SONHANDO”: Inter-relações entre conteúdo estético e conteúdo ético nos enunciados concretos da tradição oral narrativa de rezadeiras. A pesquisa foi conduzida sob orientação do professor Dr. Edson Soares Martins, e teve como objetivo geral Analisar as formas estéticas da tradição oral narrativa de rezadeiras, com a finalidade de entender como as memórias de sonho se manifestam na forma de enunciados concretos que se relacionam, ordenam e justificam ações, valores e práticas ligadas ao saber fazer da reza.

No motivo dois, surgem, dentro de outros testemunhos, as formas de aprendizado comunitário e até mesmo de não aprendizado. A primeira, se marca pela necessidade da presença de um mestre ou de uma “mestra”, de alguém que, pela oralidade, passasse para essas mulheres as palavras e as formas da reza. Neste caso, pressupõe-se que, para que o indivíduo venha a ser um rezador ou rezadeira, ele ou ela tenham “o dom” divino, dado por Deus. A ausência desse dom não afetaria diretamente o aprendizado, mas afetaria a crença na eficácia da reza, por isso a dependência também de uma explicação mágico/religiosa traduzida por vezes como “Eu rezo, mas quem cura é Deus” ou “O que cura é a sua fé”.

A segunda forma de “aprendizado” se resume em um modo de rezar não aprendido. O que ocorre é que a rezadeira diz não saber rezar, mas que, no momento em que alguém chega para “ser rezado”, ela recorreria ao seu guia espiritual e, naquele momento, ele tomaria a frente e rezaria na pessoa em questão. Ela detém, no entanto, o dom de rezar e o conhecimento necessário para acessar essa força espiritual que a acompanha, concedendo-lhe um conhecimento adicional, um “conhecimento emprestado”, como veremos na segunda seção deste trabalho que tratará, também, a respeito das implicações advindas do não fazer da reza, levando em conta que boa parte das rezadeiras, quando não exercem seu dom, acabam padecendo algum tipo de sofrimento e que pode ser observado nas narrativas das nossas colaboradoras. Vejamos este momento-ato em primeiro plano para, na seção dois, tratarmos das narrativas de aprendizado onírico.

2 EU DIGO: MAS EU NÃO SEI REZAR

Nesta seção tomaremos como base o recorte inicial da conversa que tivemos com Dona Isabel. A estratégia adotada aqui, na construção narrativa, teve como intuito a construção de um enunciado com uma linha temporal cronológica de começo, meio e fim. Desse modo, decidimos começar pelo início, pelo seu nascimento. Isso, num momento inicial, permite-nos situar o sujeito discursivo geográfica e temporalmente, revelando algumas marcas de historicidade de seu cotidiano.

Dona Isabel, por exemplo, nasceu e cresceu na cidade de Caririagu e, neste momento inicial, podemos perceber, mesmo que indiretamente, um comentário a respeito do “tempo da infância” e o da “vida adulta”, atual. O passado presente é aquele evocado pela memória como passado expressivo² ou, em outras palavras: “O homem não se lembra do passado, ele o reconstrói sempre... Ele parte do presente – e é por intermédio dele, sempre, que ele conhece, que ele interpreta o passado” (Febvre, 1953 Apud Dosse, 2012, p. 8.). Nesta seção, faremos referência, também, ao discurso das outras rezadeiras, que compõem o nosso corpus. Fiquemos agora com as palavras de Dona Isabel:

² BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 396.

Eu aprendi a rezar, assim, como dizer? Com sofrimento

José: A senhora é daqui mesmo, nasceu e se criou por aqui?

Dona Isabel: Hunrum. Sou filha natural daqui.

José: Aqui em Caririaçu mesmo? Aí, foi parto normal, cesárea?

Dona Isabel: Naquele tempo não tinha esse negócio não, podia morrer, (risos).

José: Mas a senhora lembra de alguma história que a mãe da senhora contou sobre o Parto, não?

Dona Isabel: Isso aí, eles não falaram nada dessas coisas pra gente também. Naquele tempo era tudo... diferente, né?

José: A senhora lembra como foi que a senhora aprendeu, começou a rezar?

Dona Isabel: Meu filho, eu aprendi a rezar, assim, como dizer? Com sofrimento, né? Porque eu, quando eu... Acho que eu tinha tido esse dom e minha mãe nunca me... fez alguma coisa, pra mim se desenvolver, pra mim não sofrer tanto. Eu sofri muito. Eu sofri, eu fiz os outros sofrer... Eu... Teve um tempo que eu quase que endoio, ainda quis me matar, ainda. Eu só vivia nos mato. Eu não ficava dentro de casa um segundo. Era dentro dos mato direto, direto. Era marido, era filho tudo atrás deu nos mato. Aí, teve um tempo que eu tive uma crise. Aí, fui baixar no hospital. Fui pro hospital. Aí, tinha um homem lá que ele era espírita, era Haroldo#1. Que ele trabalhava no hospital, ele era diretor do hospital. Aí, ele falou assim: #1- **Essa mulher. Essa mulher não tá com uma doença de tá em hospital, tomando soro, não. Ela está... Ela tem que procurar um canto. Que precisa de ajuda. Ela tá precisando de ajuda.** Aí, nesse tempo, tinha o menino de cumpade Zé Maria, que, ele andava muito lá no no centro de repouso, em Juazeiro. Aí, me levaram pra lá. Aí, lá foi onde o homem#2 falou que eu tinha que fazer caridade. Que eu só ficava boa daquele problema, se eu rezasse. Só que, no começo, eu não rezasse em todo mundo, eu fosse rezando só em criança. Porque eu era muito nova nesse tempo, também.

José: E, a senhora tinha quantos anos?

Dona Isabel: Nesse tempo, eu tinha um... Uns vinte e poucos anos, só. Aí, ele disse que eu não podia rezar em adulto. Só quando eu... eu... eu mesmo ia me desenvolver, por si própria. Não ia, ninguém ia me... me... eu mesmo ia me desenvolvendo e eu ia começando a rezar. Eu digo: **Mas eu não sei rezar.** Ele disse: #2- **Sabe, a senhora sabe rezar. Não é a senhora que vai rezar, mas a senhora tem uns caboclos que vai ensinar a senhora. Aí foi quando eu caí na real, por que era que ele só me botava pro mato.** Aí, foi e explicou porque era. Ai eu fui... fiquei, né? Comecei a rezar em criança, quando eu me sentia muito aflita, muito aflita, eu não tinha em quem rezar, eu rezava em meus bichos, pra mim poder... aquele negócio sair e deixar de me perturbar. E eu... Aí, depois, eu comecei rezar em adulto. Aí, pronto, até hoje. Graças a Deus! Eu me sinto muito aliviada. Depois, que eu comecei a rezar nos adultos e em criança, em bicho também. Quando vem gente atrás deu, pra ir rezar em animais, eu vou. E eu, graças a Deus, eu tô... Depois desse tempo, eu sou outra mulher.

Se eu não me benzer eu não sei rezar

José: A senhora, a senhora aprendeu a rezar com esses Caboclos, foi?

Dona Isabel: Eu não sabia. Eu não sei rezar. Se eu não me benzer, eu não sei rezar, mas na hora que eu me benzo, eu... vem reza de tudo quanto é coisa. Menos dessas coisas que eu falei. Depois que eu me benzo é que eles chegam. Aí, eu

começo a rezar. Eu rezo de tudo, só menos dessas coisas, que eu falei pra você. Eu rezo de dor de dente, rezo de dor de cabeça, rezo de espinhela caída, rezo de olhado, vento caído, dor de encruzidade, eu rezo de tudo.

Com sofrimento. Este é o modo como Dona Isabel relata ter aprendido a rezar. O sofrimento aparece como um adoecimento psicológico com desdobramentos que foram danosos a ela e aos que estavam próximos. Sobre isso, Santos (2007, p.59) aponta que “[...] É recorrente no discurso dessas, a existência de um estado doentio, que desapareceu, a partir do momento, que começam a desempenhar o ofício da reza.”. No caso de Dona Isabel não foi diferente. Há uma condição volitivo-emocional de tristeza empregada no discurso relacionado à sua mãe, ao lembrar que passava por esse momento de dificuldade, decorrente do dom, e que tudo isso poderia ter sido evitado com o devido apoio/auxílio materno. Temos aqui o efeito (sofrimento) e a causa do efeito junto com uma explicação (ausência de desenvolvimento espiritual), que compõem uma prova de circunstancialidade seguida da relação com um agente (mãe). Nota-se que, indissociavelmente, o marcador de tempo é próximo ao marcador de espaço:

1. *Teve um tempo que eu quase que endoio, ainda quis me matar, ainda. Eu só vivia nos mato. Eu não ficava dentro de casa, um segundo. Era dentro dos mato direto, direto. Era marido, era filho tudo atrás deu nos mato.*
2. *Aí, teve um tempo que eu tive uma crise.*
3. *Aí, fui baixar no hospital. Fui pro hospital.*

Em “1” tem-se dois marcadores de espaço temporal situacional que, como dissemos anteriormente, são ligados ao marcador temporal indefinido: “teve um tempo”. Apesar de não haver uma marcação exata do tempo em idade ou anos, é possível conjecturar que estes eventos ocorreram já após o desenvolvimento do seu corpo físico, levando em consideração que, no fim deste fragmento ela aponta a presença de dois agentes: o marido e o filho. Isso atesta para a plausibilidade da possibilidade que Dona Isabel viesse sofrendo desde de sua infância - relação com mãe - e que perdurou até sua adultez.

Em “2”, ela narra um episódio crítico, de agravamento do seu estado. Aqui, temos o tempo e a ação. Pela sequência narrativa, esse tempo seria, também na adultez, fato que comprovamos mais adiante, durante a conversa com Dona Isabel. Esse agravamento faz com que ela seja levada ao hospital “3” e lá, encontra a explicação e a solução para o que ela estava padecendo.

O sofrimento é recorrente nas narrativas de memória de vida de outras rezadeiras e tem uma raiz no não desenvolvimento do dom, da própria prática de cura, ou na ausência de prática dele, e geralmente tem como consequência o adoecimento do espírito, do corpo e da mente. Vimos isso com Dona Isabel nesta seção, mas também foi possível observá-lo em Dona Antônia, quando falamos em memória de prática e ela foi, pela família, proibida de rezar: “Mas que aí, quando eu não rezava, eu ficava doida, doida. Aí, eu acabei com agoniação na minha cabeça, e o destino era de rezar, de rezar no povo.”.

A família é um fator importante e presente nas narrativas de vida dessas duas mulheres. Em Dona Isabel o relato de necessidade de auxílio materno que não foi suprido, agravando seu estado de espírito e, em Dona Antonia, a proibição de exercer seu dom de cura, mediante um cerceamento vindo do poder estatal. Dona Quitéria, por outro lado, narra um episódio da sua vida que endossa a ideia de proximidade e auxílio da mãe.

***Dona Quitéria:** Eu tinha uns quinze para dezoito anos. Quer dizer, eu rezava... minha mãe era rezadeira. Mas eu rezava mas não queria, né? porque gente novo não quer ser rezador, né? Aí, depois que minha mãe, Deus levou. Aí, eu fiquei. Ela disse que ia me ensinar a rezar, eu já sabia, né? que via ela rezando. Que ia ficar no lugar dela, né? Fiquei. Depois de véia eu tô rezando, né? No lugar dela. Ela disse que era pra eu ficar no lugar dela.*

Na história de vida de Dona Quitéria, a família teve um papel muito importante na sua constituição como rezadeira. Ela afirma ter começado a rezar quando tinha entre quinze e dezoito anos, mesmo sem querer, “porque gente nova não quer ser rezador”³, e aprendeu a rezar com a sua mãe, por que era um desejo dela que Dona Quitéria fosse rezadeira também. Em seu relato, podemos ver como o processo de observação da prática também constitui-se como fator elementar na construção do saber-fazer da reza, ela aprendeu a rezar com a sua mãe, dando continuidade ao seu legado.

Retornando à Dona Isabel, observamos que, no contexto da situação em que ela estava, a presença de alguém com mais vivência religiosa/espiritual foi o que lhe ajudou. Num primeiro momento, ela encontra com #Haroldo que, prontamente, chega à constatação de que “[...] Essa mulher não tá com uma doença de tá em hospital, tomando soro, não. Ela está... Ela tem que procurar um canto. Que precisa de ajuda. Ela tá precisando de ajuda.”. No hospital, e depois desse encontro, ela vai à casa de repouso e é lá que tem a resposta aos motivos de estar passando por tantas dificuldades e aflição e a solução para saná-los: “eu só ficava boa daquele problema, se eu rezasse.”. Com a recomendação, no entanto, de que não rezasse de imediato em adulto, começasse rezando em criança. Nessa época, ela tinha em torno de vinte anos, atestando nossa teoria de que isso lhe passou até a vida adulta. No momento da entrevista, por considerar essa informação pertinente, lhe foi perguntado, a fim de confirmar o momento da sua vida em que tudo isso se passava.

Quando a informação de que se ela começasse a rezar, a fazer caridade pelas pessoas lhe chegou, Dona Isabel prontamente responde que não sabia rezar. Mas o homem que estava com ela lhe admoesta, explica que ela seria ensinada, que ela “tinha uns caboclos⁴” e que eles a ajudariam. E nesse momento ela entendeu e

³ Cogitamos que ela use este argumento, provavelmente, como consequência do desejo que um de seus filhos desse continuidade à reza. Em outros momentos a visitamos e ela falou desse desejo, de que o filho seguisse os passos dela.

⁴ Os caboclos são espíritos e encantados afro-ameríndios que podem se manifestar por muitas formas nas religiões de matriz africana. Em comum têm a capacidade (nem sempre compartilhada por outras divindades, como os orixás) de falar. Mais do que uma capacidade, trata-se de uma habilidade codificada por meio da qual exercem

relacionou o fato de que, quando estava mentalmente sobrecarregada, ia para as matas. E foi então que ela começou a rezar em criança, em adulto e, quando não tinha nenhuma pessoa pra ela rezar, e ela sentia-se aflita, rezava em animais.

Por fim, ao ser questionada sobre ter aprendido a rezar com esses caboclos, ela aponta o fato de que não sabia, de que não sabe rezar. Isso porque, dentro do seu sistema de crenças, quem reza com ela são os seus guias espirituais. Ela só consegue rezar caso se benza antes e, neste momento, acessa o conhecimento ancestral que lhe surge nesta relação com o guia, que aqui relacionamos a ideia de um conhecimento acessado ou de um conhecimento emprestado. E por falar em conhecimento ancestral e acesso a ele, veremos agora, na seção a seguir como essa relação também acontece, agora em um campo da atividade humana que faz uso do sonho como espaço-momento de um ato que compõem um outro ato, mais complexo e estruturado, no plano da existência.

3 “EU SABIA QUE IA SER UMA REZADEIRA; EU APRENDI A REZAR FOI EM SONHO”

De início, pensaremos em como o sonho serviu de instrumento de aprendizado da reza. Aqui temos duas narrativas que versam sobre isso:

Eu sabia que ia ser uma rezadeira

Edson: E aí, a senhora... a senhora já rezava quando... quando é que começou?

Nazide: Pronto, quando eu era pequeninha, eu sonhava que tava nas matas. Aí, eu via o povo: gente que nem nós. Eu gostava. Aí, eles mandavam eu rezar e eu rezava. Eu não aprendi com ninguém, eu aprendi foi sonhando. Hoje... há mais de vinte e tantos anos... eu não sonho, mas eu sonhava! Eu chegava nas minhas cunhadas e tinha menininho doente, aí eu tinha pena. E aí, eu dizia pra minha cunhada: “Eu vou rezar, mas tu num diz a ninguém não, viu?!”. Aí, eu rezava. No outro dia, eu ia reparar se o menino tava melhor. Chegava lá e tava bom. Eu só via que eu ia ser uma rezadeira. Agora, muitas coisas eu sei, mas ninguém me pergunte como eu sei, porque eu não sei explicar, não. Eu só sei porque eu sei. Aí, eu sabia que ia ser uma rezadeira, pra rezar em todo mundo. Agora, quando, eu não sabia. Só que naquele tempo eu sabia porque eu rezava, mas eu não podia rezar pra ninguém saber.

Eu aprendi a rezar foi em sonho

José: E, como foi que a senhora aprendeu a rezar?

sua agência sobre o mundo e sobre seus adeptos. (Dos Santos & Hoshino 2020, p.415)

Dona Antônia : Eu aprendi rezar foi só.

José:Hum

Dona Antônia : Sozinha. Não foi ninguém que me ensinou. Às vezes eu tava dormindo, me deitava... Pronto, nessa época eu já tinha, eu já tinha bem uns dois meninos. Se eu... Pronto! Eu vou te contar um causo primeiro. Essa menina#1, essa menina aí, que costura, ela era pequenininha assim. Aí, as caixa de fósforo, de primeiro, elas era de madeira, toda. Não era papelão não. #1 - **Mainha, mainha, me dá as caixa de fósforo, tira a bicha de dentro, que eu vou fazer tijolo. - Que tijolo, menina? Que conversa é essa?** Aí, ficava batendo aqueles tijolinhos. Aí, fui e eu cortava cabelo do povo. Tinha três carreira de pé de mamão lá em casa, no sítio. Bem grande, as carreira de mamão, era uma sombra só. Aí, sábado e domingo era o dia de eu cortar o cabelo de homem, de mulher... de quem chegasse. Aí, eu tinha um menino #2 aqui, assim também, já. Aí, disse: #2- **Ei, papai #3. Cê não empata minha mãe tá alisando macho, não?! Que não dá dando certo isso aí, não! #3- Não, que eu quando eu casei com sua mãe, ela já fazia esse serviço. Já cortava o cabelo do povo, e aí, vai cortar sim.** Aí, a menina disse assim #1- **Mainha, mainha! Arranquei tanto ouro.** Eu digo: **Que conversa, menina?! de ouro!** Mas era mesmo, era ouro. Limpo, limpo. Pronto. Aí, já foi preciso... Quando foi um dia de tarde, assim umas cinco e meia pra seis hora, meu marido chegou da roça. Aí, eu disse: **Eita Raimundo, não tem gás, não.** Aí, ele disse: #3- **Tu não foi comprar o gás, não?** Eu digo: **Fui não. Tava esperando você chegar.** Aí, ele pegou os menino. Dois foi mais ele e dois ficou mais eu. Ou foi três, que ficou mais eu... Ele disse: #3- **Eu vou, eu vou comprar.** Na saída dele, chegou um senhor#4 de toroquinha assim. O short aqui assim e camisinha branca. Conversando pessoalmente comigo, num sabe? Assim, como nós tamo aqui. Ele disse: **Boa, boa noite.** Eu disse: **Boa noite. No terreiro da frente.** Aí, ele dizia assim: #4- **Eu queria conversar um pouco com a senhora.** Eu disse: **Sim, pode conversar. Mas, como que ele fosse daqui da terra mesmo, né?** Aí, ele disse: #4- **É, o problema é esse, senhora. É porque, a senhora tem uma menina aí, que começou a me salvar. E, eu queria que a senhora terminasse.** Aí, eu falei: **O quê?! E, eu tô conversando com quem? Quem? Como é seu nome?** Ele foi e disse o nome dele: #4- **Eu me chamo Chico Pinheiro. Não sou daqui. Eu sou dos Inhamuns, mas eu fui matado aqui, numa guerra que teve. Disse desse jeito.** Eu disse: **O quê?** Aí: #4- **Pois é, a senhora faz isso? **Eu disse:** -Faço. #4- **Pois, aí tem uma herança pra você, oh. Num canto aí. Você vai arrancar um tesouro que tem aí. E pode arrancar mesmo! A menina começou, e a senhora vai terminar. Conversando mesmo.** Aí, quando ele me cont... dizia assim: #4- **Eu não sou daqui, eu sou do outro mundo.** Aí, eu caí, num sabe? Eu caí, mas eu escutava o que ele dizia. Ele ficava em pé, no cantinho que tava o tesouro. Que era ali que era pra eu arrancar. Justamente, que eu fui arrancar mesmo. Que era na minha casa, bem pertinho.**

José: Era uma botija, era?

Dona Antônia : Era. **Eu digo, vou arrancar sim!** Aí, levantei, vim aqui em Nova Olinda, mandei benzer água, fósforo, vela... Aí, peguei só meus menino pequeno. Aí, começamos a cavar, né? Eu já tava... Eu já tava com a mão. Aí, quando falou um... Chegou um povo, falou, virou ferro. Ferro que não teve quem quebrasse e aí, perdemos, então. Ai, é isso aí, mesmo. É. Essa daí mesmo.

Dona Antônia : E aí, as outras coisas, né? Ah, as outras... Eu aprendi rezar, foi um véio#1 que me ensinava. Eu dormindo, e o véi ensinando: #1 - **Oh, minha filha. Eu vou ensinar, pra você rezar. Você escute bem.** O meu marido#2 se acordava com... com isso. Dizia assim: #2- **Oxente, Tu está conversando mais quem?! Mas**

eu só escutava ele perguntando, eu não dava atenção não. Porque naquele momento ninguém num dá mesmo, não. Aí, eu: **Tá bom.** Aí, ele disse: #1- **Tá prestando atenção o que eu tô dizendo?** O véinho. Eu digo: **Tô.** #1- **Oh, pode rezar em dor, pode fazer uma oração e dá pras pessoas viajar, quem quiser viajar, pra se defender dos inimigo, pra ninguém não ver. E é daí pra frente.** Eu digo: **Tudo bem.** Tem a oração de Santo Amâncio, tem a oração de Santo Antônio viajante, tem a oração das três missa de Natal, pra pessoa que é... com dor... Pra rezar, né? Também. E daí pra frente, né? Eu aprendi daí pra frente, não foi ninguém que me ensinou não. Ninguém. Eu não vou mentir, dizer que alguém me ensinou uma reza, que ninguém não me ensinou! Eu aprendi a rezar foi em sonho. Eu dormindo, com pouco chegava a pessoa... Sim, aí, um dia chegou uma mulher #3 dizendo assim: #3- **Eita, eita, mulher! Tu se acorda, que eu vou te ensinar uma reza. Vou te ensinar uma reza, que é pra tu... se livrar de todos os mal, com toda tua família, que nada de mal vai acontecer com ninguém de tua família.** Aí, **Tudo bem, pode dizer. Que eu tô escutando aqui.** #3- **Vai rezando comigo.** Eu digo: **Não, diga que eu aprendo.** E eu aprendi! Aprendi só. Ninguém me ensinou, não. Foi só mesmo. Porque Jesus Cristo, quando ele andava no mundo, ele andava com a mãe dele, com os apóstolos dele, rezando, curando. Que ele já andou nessa terra que nós pisa. Jesus já andou. Você sabe disso, não sabe? Pois ali, era curando. Ninguém sabia que era Jesus Cristo#1! Ele chegava na casa das pessoa, pedia uma comidinha, pedia um café, pedia uma merenda, uma mão cheia de farinha seca, um ovo pra comer. Aquele ovo, que a pessoa dava de bom coração, dava pros doze apóstolos também. Não era só pra ele, não. Ele cozinhava o ovo, dava pra tudo. Tudo comia daquele ovo. Então, é isso que eu digo. Então, ele quando ele andava, ele perguntava assim: #1- **Hein, Isabel? O que é que tu tá fazendo aí, Isabel? Que é Santa Isabel. Santa Isabel#2 é a irmã da mãe de Jesus Cristo. Cê sabe disso, num sabe?** #2- **Senhor, eu tô curando, quem está precisando. De dor cabeça, de dor nas costas, dor nas junta, dor nos ossos, de todos os mal. Então, eu tô rezando e tô pedindo pra ser rebatido. Pras ondas do mar sem fim, essas dores que as pessoas sentem.** Aí, Jesus: #1- **Tudo bem Isabel, pois siga seu caminho, pode rezar.** Então, pra dor de dente... Jesus foi passando mais os apóstolos dele em um riacho. Aí, tava uma.. uma mulher sentada numa pedra. Isso ainda não contei pra você, isso aí. Ele perguntou assim: #1- **Ei Quitéria#3, tu tá fazendo aí, o quê?** Ela dizia: #3- **Senhor, eu tô curando de dor de dente!** Aí: #1- **Tá dando certo? Como é a tua reza do dente?** Aí, ela: #3- Bom. Oh, senhor Jesus, eu tô curando:

Dizia três vezes. Então, Jesus: #1- **Siga seu caminho, Quitéria.** Então, é daí pra frente, né? Santo Antônio, a mesma coisa. Santo Antônio, ele tinha inimigo. Só que ele não sabia que tinha inimigo. Santo Antônio Viajante#4, que ele era Santo Antônio... Eu acho que é por isso que eu gosto de andar. E aí, Jesus vai e pergunta: **Tu tá indo pra onde, Antônio?** #4- **Senhor, eu tô fazendo aí, umas andada.** Aí, #1- **Tu tá umendo sabendo de alguma reza, pra tu viajar?** Ele disse: #4- **Não. Eu não tô sabendo e tô.** #1- **Pois eu vou te ensinar uma, Antoim. Só que eu não vou contar ela toda não, que ela é muito comprida.** #1- **Pois diz aí, Antônio, Aí.** Foi e ele disse. #1-

Então, não vou dizer toda não, que ela é muito comprida, essa oração, aí. Então, é daí pra frente. Então, tem mais. Então, Jesus quando ele andava, andando nessa terra que nós que tamo pisando, ele encontrou um santo que ele amansa todo bicho bravo, é gente, é tudo. Ele amansa! É Santo Amanso!

Diz três vezes e pode abrir no meio da lasqueira, aí. E, é daí pra frente. Tem muita coisa, né?

Na primeira narrativa, o sonho transportava a rezadeira, ainda criança, para as matas; e lá ela “via o povo: gente que nem nós. Eu gostava. Aí, eles mandavam eu rezar e eu rezava. Eu não aprendi com ninguém, eu aprendi foi sonhando.”. O sonho dela surge ainda na infância e, mesmo que esse momento tenha sido descrito em uma narrativa de forma mais breve, conseguimos, aqui, destacar alguns aspectos que atestam uma construção narrativa verossímil. Dentre eles, temos: prova de temporalidade >> “quando eu era pequeninha”; prova de ação e de espaço >> “sonhava que tava nas matas” e prova de testemunha “eu via o povo: gente que nem nós” + “eles mandavam eu rezar e eu rezava”. Esses elementos, em conjunto, são componentes que, mesmo diante de um discurso mágico/místico, atestam, assim como observado por Martins, (2005, p.218), ao discorrer sobre as formas de conversa recreativa, um sistema narrativo sofisticado e recheado de estratégias argumentativas:

[...] boa conversa é o fato de ela não conter incoerências nem ser pobre em evidências que permitam sua confirmação. Não estamos, sob qualquer aspecto, perto daquela prosa fantástica que conhecemos como “conversa de pescador”. Por isso, é comum as conversas serem tecidas a partir de sofisticadas estratégias argumentativas.

A operação adotada na primeira narrativa, ao descrever o aprendizado tendo o sonho como forma inicial, coloca uma sequência de conteúdo temático que sai dessa introdução de caráter onírico e parte para as formas do conteúdo temático que trabalha uma Memória de aprendizado (MA). Isso atesta a adoção sofisticada de estratégia argumentativa na enunciação que, em seu caráter dialógico e responsivo, deveria responder: “E aí, a senhora... a senhora já rezava quando... quando é que começou?”, e o faz; mas não sem antes fazer uma preparação do “terreno narrativo”, seguido de um exemplo de MP e, dessa maneira, tornar crível o argumento de que teria aprendido a rezar em um momento-ato onírico.

No segundo enunciado, temos alguns aspectos composicionais que se repetem para criar uma atmosfera mais envolvente e que, por isso, revestem a narrativa de recursos discursivos vários. Podemos observar, mesmo nesses recortes do plano geral que é, nesses dois casos, o que temos mais próximo da conversa recreativa, uma espécie de narrativa moldura⁵. Essa mesma estrutura se repete no enunciado visto em

⁵ Por entender que ambos são únicos e produzidos em contextos e com enunciadores distintos, e na tentativa de não tender a uma análise comparativa, antecipo esse comentário que, em caso de estudo comparativo talvez entrasse como considerações finais.

sua forma macroestrutural e incorpora, até mesmo, enunciados cuja estrutura composicional depende de métrica e ritmo como as sentinelas, as incelenças, os benditos e, até mesmo, algumas das rezas.

Eu aprendi a rezar foi em sonho é o segundo bloco desta subseção. Ele inicia com o mesmo conteúdo semântico, a indagação de como se tinha aprendido a rezar: “E, como foi que a senhora aprendeu a rezar?”. A resposta, apesar de no início ser curta e breve: “Eu aprendi rezar foi só”, trazia em sua sequência uma elaboração bem mais complexa que não se restringiu a apenas cinco palavras. Nossa colaboradora segue construindo a narrativa com elementos de prova de tempo, “Pronto, nessa época eu já tinha, eu já tinha bem uns dois meninos”; de ação, “Às vezes eu tava dormindo, me deitava”; e, antes de continuar e desenvolver a história, produz uma quebra de progressividade semântica: “Se eu... Pronto! Eu vou te contar um caso primeiro”. Esse efeito de quebra de progressão acabaria por instigar, no interlocutor, o aguçamento da curiosidade e do interesse na narrativa. Além disso, mostra o domínio do conteúdo narrado e de uma sequência que atende às necessidades e interesses de composição da narrativa adotados por nossa colaboradora como um recurso, também, de construção verossímil. Desse modo, ela, antes de contar sobre como aprendeu a rezar, narra a respeito de seu cotidiano de rezadeira, das atividades laborais e de como a filha dela encontrou uma botija.

Só depois de passado esse momento ela retorna ao conteúdo temático de MA. Com isso, afirma: “Eu aprendi rezar, foi um véio#1 que me ensinava. Eu dormindo, e o véi ensinando” e, logo após, performa a fala do senhor que havia lhe ensinado, reproduzindo o que seria uma réplica de diálogo cotidiano produzido no sonho:

#1- Oh, minha filha. Eu vou ensinar, pra você rezar. Você escute bem.

O meu marido#2 se acordava com... com isso.

Dizia assim: **#2- Oxente, Tu está conversando mais quem?!**

Mas eu só escutava ele perguntando, eu não dava atenção não. Porque naquele momento ninguém num dá mesmo, não.

Aí, eu: **Tá bom.**

Aí, ele disse: **#1- Tá prestando atenção o que eu tô dizendo?**

O véinho.

Eu digo: **Tô.**

#1- Oh, pode rezar em dor, pode fazer uma oração e dá pras pessoas viajar, quem quiser viajar, pra se defender dos inimigo, pra ninguém não ver. E, é daí pra frente.

Eu digo: **Tudo bem.**

Ao relatar esse episódio ela abre espaço para falar sobre a reação de espanto que o marido tinha ao se deparar com a situação em que ela, enquanto sonhava, estaria, também, falando enquanto dormia, em uma espécie de estado de pré-sono. Além de narrar isso, ainda tece comentários valorativos a respeito da atitude dela em relação à reação de admiração do marido. Em outros momentos das narrativas também podemos observar um tom de valoração ou a inserção de comentários, de perguntas

ou de esclarecimento da narradora; como em “O véinho”, comentário que dá ênfase à mudança de voz narrativa.

Ela prossegue a história mencionando as rezas que aprendeu. Enfatiza: “Eu não vou mentir, dizer que alguém me ensinou uma reza, que ninguém não me ensinou! Eu aprendi a rezar foi em sonho” para, na sequência, falar sobre outro momento de aprendizado onírico:

Sim, aí, um dia chegou uma mulher#3 dizendo assim:

#3- Eita, eita, mulher! Tu se acorda, que eu vou te ensinar uma reza. Vou te ensinar uma reza, que é pra tu... se livrar de todos os mal, com toda tua família, que nada de mal vai acontecer com ninguém de tua família.

Aí: Tudo bem, pode dizer. Que eu tô escutando aqui.

#3- Vai rezando comigo.

Eu digo: **Não, diga que eu aprendo.**

E eu aprendi! Aprendi só.

Com isso, ela apresenta as histórias dentro de uma mesma esfera de conteúdo temático e de construção composicional e estilo também muito semelhantes. Isso muda quando, na sequência, ela inicia a narração do que teria ouvido no sonho, sobre as rezas; e, depois disso, constrói uma “história do rezar”: “Porque Jesus Cristo, quando ele andava no mundo, ele andava com a mãe dele, com os apóstolos dele, rezando, curando. Que ele já andou nessa terra que nós pisa. Jesus já andou. Você sabe disso, não sabe? Pois ali, era curando”. A frase inicial é marcada pela palavra autoritária do discurso religioso, que ressalta o discurso de autoridade galgado pela experiência e prática da vida como rezadeira. Essa palavra autoritária, neste contexto, não é, como descrita por Bakhtin ao falar da prosa (1988, p. 143-148), corpo heterogêneo no discurso. Ela é, antes, incorporada à palavra persuasiva que acaba se organizando na esfera de compenetração de duas consciências: algo como metade palavra nossa e metade palavra de outrem, um discurso dialogizado. A voz dessa palavra persuasiva, no e pelo encontro de duas ou mais consciências, adquiriria uma forma e significação no mundo social.

No nosso caso, temos uma sequência de narrativas de quatro estórias de “no tempo que Jesus andou no mundo, com Maria e seus apóstolos”. Essas narrativas assemelham-se, quanto à sua forma composicional, àquelas coletadas pelo mestre Xidieh (1993, p. 37-73), que retratam um percurso quase genealógico de Jesus, desde o nascimento até sua pós-morte. Se, contudo, são assemelhadas quanto à forma composicional, não o são em relação ao estilo e ao conteúdo temático.

Nessa estrutura, que imita a forma de plano moldura, temos as relações discursivas que historicizam e fundamentam a prática da reza, realizando uma ligação entre o santo, a reza e as enfermidades. As primeiras pessoas a rezarem, pensando por essas narrativas, seriam as santas, os santos e os apóstolos que acompanhavam as andanças de Jesus na terra. Podemos representar visualmente da seguinte forma:

Nome do Santo	Presença da reza	Comentário de execução da reza	Réplica de diálogo	Tipo de cura/efeito
Santa Isabel	Não	Não	Sim	Reza pra dor cabeça, de dor nas costas, dor nas junta, dor nos ossos, de todos os mal
Santa Quitéria	Sim	Sim	Sim	Reza pra dor de dente
Santo Antônio Viajante	Sim	Sim	Sim	Reza pra viajar/envultar
Santo Amancio	Sim	Sim	Não	Reza pra amansar

Com isso, observamos que essa narrativa de Dona Antônia tem, em primeiro momento, uma estrutura de construção composicional em que repetem-se alguns elementos de conteúdo. Dentre eles, destacamos: 1-Nome do Santo ou Santa que encontrou-se com Jesus e, com isso, um reforço do discurso de autoridade e réplica do elemento de prova de testemunha e de evento/ação; Em 2-Presença da reza, o momento da narrativa em que é inserido o conteúdo temático da reza. Este é, por sua vez, esteticizado em um movimento que sai do mundo da vida (encontro de Jesus com os Apóstolos, Santos e Santas), na forma de sonho e narrativa (esteticamente organizado) e se torna em conhecimento que vai ser posto novamente no mundo da vida.

Em 3-Comentário de execução da reza, há a inserção do elemento da forma laboral/perfomática que diz respeito ao modo como se reza. Isso ocorre em virtude da relação existente entre a palavra e o movimento do corpo, quantidade de repetições do movimento e outros tantos elementos extratextuais que se empregam quando se reza. Em 4-Réplica de diálogo, temos uma reprodução do diálogo entre Jesus e os Santos, havendo no último momento do enunciado, na reza de Santo Amâncio, a supressão dessa parte, assim como houve em Santa Isabel, a primeira santa mencionada, a supressão de 2 e 3. Por fim, Dona Antonia apresenta em 5-Tipo de cura/efeito, as consequências de se fazer a reza daquele santo mesmo sem mencioná-la ou dizer como a executa, como vimos com o caso de Santa Isabel.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, nesta subseção, tivemos duas narrativas principais de memória que relatam o sonho como espaço-momento de aprendizado. Observamos alguns aspectos de caráter estético e estilístico com a preocupação de não descuidar do estudo do conteúdo. As duas narrativas, apesar de estarem no mesmo campo de construção de sentido semântico, tematizam e usam o sonho, no entanto, de maneira singular.

Na primeira narrativa há uma maior proximidade do sonho com o momento-espaco abstrato que imita um momento-espaco concreto. Ela é “transportada” às matas, para junto de um povo, “gente que nem nós”, e lá é que há o momento-ação, que acontece o aprendizado. Não há, entretanto, uma composição que traga detalhes de descrição do conteúdo de reza que se aprendeu lá, uma vez que, neste sistema a reza ela tem o elemento da possibilidade de perda da força⁶, em caso de ensino da reza de maneira não cruzada; e no momento da gravação tinha uma mulher presente. Além disso, este é um conteúdo sensível e que pode ter sido sublimado para preservar a força e protegê-lo dentro do sistema de transmissão oral do qual ele faz parte.

Quanto à segunda narrativa, o sonho se estruturou dentro de uma perspectiva mais próxima de produção de conteúdo sentido, um enunciado de progressão temática mais lenta. Nela, há um detalhamento/comentário descritivo/explicativo de aspectos da narrativa somados a, em alguns momentos, quebras de conteúdo-sentido; sem que haja abandono dos principais aspectos semânticos ou de conteúdo-sentido da narrativa. Aqui, o sonho se aproxima mais da ideia de momento abstrato de experiência, mas sem descrição/detalhamento de onde (espaco figurativo construído no sonho) isso aconteceria.

Dona Nazide e Dona Antonia são, dentro do nosso corpus, exemplos de rezadeiras que elaboram e desenvolvem o conhecimento da reza a partir da inter-relação sonho/vigília. Além das narrativas delas, encontramos outras histórias e outros modos de rezar. Advogamos que as práticas da reza são multiformes e heterogêneas, sendo narradas e trazendo consigo aspectos sociais, culturais, temporais e espaciais, são históricas e dotadas de historicidade. Não é diferente quando pensamos nos modos de aprendizado. O aprendizado ocorre em diversos espacos, aqui podemos mensurar alguns como familiar, comunitário, onírico, religioso/espiritual.

As rezadeiras construíram e constroem seus conhecimentos, nesses espacos-momentos, a partir de uma interação consigo mesmas, com os outros e com os horizontes, os excedentes produzidos dessas interações. Ainda sobre isso, podemos vir, por exemplo, de Dona Fátima que aprendeu após ter entrado em uma comunidade religiosa carismática e, nesse encontro, assimilou as práticas da comunidade com as práticas tradicionais da reza. Temos a narrativa de Dona Quitéria, que aprendeu a rezar com sua mãe e que, ao ter contato com outras rezadeiras, incorporou em sua prática alguns elementos procedimentais da reza, como o hábito de não rezar no sábado. A narrativa de Dona Isabel que afirma não saber rezar, mas poder acessar o conhecimento da reza e da cura no momento em que o busca e os relatos de vida de Dona Antônia e de Dona Nazide que, por sua vez, tem forte presença da construção de um conhecimento baseado em “raízes oníricas”, mas que também faz eco ao som de uma voz que é comunitária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Pedro & João Editores, 2010.

⁶ Força ou Poder. Observamos, dentro de um sistema bem geral e aberto, que a cosmovisão predominantemente discursivizada por boa parte das rezadeiras é a de que, ao ensinar-se algumas das rezas, deve-se fazer de forma cruzada entre os gêneros. Homem ensina a mulher e mulher ensina a homem.

- BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 393-410.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética**, p. 13-70, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- DO NASCIMENTO, Danielle Gomes. A Tradição Discursiva da Reza de Curado olhado. **Revista Prolíngua**, 2010. Vol. 5, p.43-58.
- DOS SANTOS, Mauricio; HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro. Sotaques e sintaxes: acentuando o falar caboclo nas religiões afro-brasileiras. **Afro-Ásia**, n. 62, p. 391-415, 2020.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia [1]. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 5-23, 2012.
- FREUD, Sigmund; SALOMÃO, Jayme. **A interpretação dos sonhos V - I e II**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GONDAR, Jô. Ferenczi e o sonho. **Cadernos de psicanálise** (Rio de Janeiro), v. 35, n. 29, p. 27-39, 2013.
- LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. Ubu Editora, 2022.
- MENESES, Adélia Toledo Bezerra de. **As portas do sonho**. Ateliê Editorial, 2002.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos; Rio de Janeiro, vol. 5, 1992.
- QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SANTOS, Francimário Vito dos. **O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- SANTOS, Hyago Átilla Sousa dos. **O drama da princesa transviada: jornal a ação, pânico moral e cartografias da identidade ameaçada em Crato (CE), 1965-1972**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares: estórias de nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

OS AUTORES

José Soares Filho possui graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (2022). É mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da URCA. É membro no Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários - NETLLI (URCA). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: gêneros do discurso, livro didático, preconceito racial; e na área de Letras com ênfase em ensino de LIBRAS e pesquisas em Tradição oral popular no Cariri.

Edson Soares Martins possui doutorado (2010) em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB). Concluiu estágio pós-doutoral junto ao PROLING-UFPB. Atualmente é Professor Associado (Referência O) de Literatura Brasileira, na Universidade Regional do Cariri (URCA), onde também professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras e coordenador do Programa, na mesma IES. Tem experiência na área de Literatura, com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura Oral Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, poesia, conto oral popular, além de estudar, à luz da contribuição teórica bakhtiniana, a narrativa curta moderna e contemporânea, as formas da estética oral popular e literaturas africanas. Editor-geral de Macabéa - Revista Eletrônica do Netll e Editor-Adjunto de Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli.